

REVISTA VEJA: O INDISPENSÁVEL MILITANTE TUCANO.

Cássio Augusto S.A.Guilherme¹

Resumo:

Sem querer esgotar o assunto, diante de sua complexidade, o presente artigo analisa a atuação político-ideológica da Revista Veja durante a eleição presidencial de 2010. Nosso objetivo é demonstrar, a partir da análise de capas, editoriais e matérias, como a Revista atuou firmemente a favor do candidato José Serra/PSDB e em detrimento da candidata Dilma Rousseff/PT. Nas páginas de Veja, não havia uma cobertura jornalística ou debate de propostas, mas um discurso partidário contra o PT e sua candidata, sempre retratados como corruptos ao mesmo tempo em que o PSDB e seu candidato só apareciam de forma positiva.

Palavras-chave: Revista Veja, Dilma Rousseff, José Serra, Eleições.

Abstract:

Even though there is no intention to narrow down the subject in face of this complexity, this paper analyzes the role of political-ideological Magazine Veja during the 2010 presidential election. Our goal is to demonstrate through the analysis of covers, editorial and matters, as the Veja magazine acted firmly in favor of the candidate José Serra/PSDB and to the detriment of the candidate Dilma Rousseff/PT. In the pages of Magazine Veja, there wasn't coverage of media or discussion of proposals, but a party speech against the PT and its candidate, it always shown as corrupt, while the PSDB candidate were shown positively.

Keywords: Veja Magazine, Dilma Rousseff, José Serra, Elections.

Introdução:

Escrevendo no ano de 1988, o jornalista Perseu Abramo já dizia que “uma das principais características do jornalismo no Brasil, hoje, praticado pela grande imprensa, é a manipulação da informação” (2003: 23). A partir disso, lançamos novamente nosso olhar sobre a Revista Veja, o semanário de maior circulação no país e que pauta outros veículos de comunicação.

Nosso objetivo neste artigo é analisar a Revista Veja entre abril e novembro de 2010, período de eleições para a escolha do sucessor de Lula/PT na Presidente da República². Procuramos observar nas matérias e capas o apoio, às vezes subliminar outras vezes explícito, à candidatura do tucano José Serra (PSDB) ante as demais candidaturas de Dilma Rousseff (PT), Marina Silva (PV), Plínio de Arruda Sampaio (PSOL) dentre outros.

¹ Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá; Autor do livro “A Ditadura Civil-Militar e a ‘politicalha interiorana’”, publicado pela Editora CRV; Professor da Faculdade Ingá/Uningá.

² Todas as edições da Revista Veja estão digitalizadas em seu acervo on-line podem ser acessadas gratuitamente pelo site: www.veja.abril.com.br.

Corroboramos da premissa de que a grande mídia, como uma empresa capitalista que visa lucro, é mais uma “instância subordinada às classes dominantes, mera caixa de ressonância de valores, interesses e discursos ideológicos” (LUCA, 2011: 116). Portanto, nos interessa observar o discurso partidário, ideológico de *Veja* como um importante aparelho privado de hegemonia, no sentido gramsciano do termo, na busca pelo consenso em torno da ideologia neoliberal (GUILHERME, 2009) e também antipetista.

Tal premissa é corroborada pelo fato de que no mês de março daquele ano, o Instituto Millenium³ reuniu representantes dos maiores órgãos de mídia do Brasil, com os grupos Folha, Globo e Abril que publica *Veja* em um fórum, cujo objetivo era de, supostamente, discutir a democracia e a liberdade de expressão no Brasil. Os palestrantes analisaram a conjuntura política e dispararam contra o Governo Lula e a candidatura de Dilma, ao mesmo tempo em que deixaram claro em suas falas a preferência pela eleição do tucano José Serra. A partir de então, “a ordem, nas redações (...) é disparar sem piedade, dia e noite, sem pausas, contra o presidente, contra Dilma Rousseff e contra Partido dos Trabalhadores” (CARRARA *apud* ALENCAR, 2012: 105)

Outras pesquisas sobre a Revista *Veja*:

Muitas pesquisas recentes, feitas a partir da academia e com objetivo de analisar o discurso midiático, têm a Revista *Veja* como objeto. Nosso principal referencial teórico são os excelentes trabalhos publicados pela professora Carla Luciana Silva, cujo livro “*Veja: o indispensável partido neoliberal (1989-2002)*” resume sua tese de doutorado e “todo brasileiro deve ler” (GUILHERME, 2011: 116).

No período analisado pela professora, *Veja* empreendeu uma defesa pela implantação do modelo neoliberal de Estado para o Brasil. Em outras palavras, a Revista defende a abertura irrestrita ao capital externo, as privatizações, a redução dos gastos públicos com políticas sociais, a criminalização dos

³ Organização Não Governamental que diz não possuir ligações político-partidárias, mas que, segundo a Revista *Caros Amigos* de agosto/2012, se trata da “verdadeira face que a direita oculta: com espaço na grande mídia e forte apoio do empresariado, entidade desenvolve papel fundamental na formulação e defesa de um projeto de direita para o País”. Uma espécie de IPES (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais) fundado em 1961 e que teve forte participação propagandística para o Golpe Civil-Militar de 1964.

movimentos sociais, além de desqualificar qualquer alternativa à esquerda. Para tanto, a Revista tem papel múltiplo, pois “formula um programa, organiza e gerencia, agindo pedagogicamente em torno dele” (SILVA, 2010: 19). Veja defende o “Estado Mínimo”.

Uma vez que a ideologia defendida nas páginas de Veja é a neoliberal, é importante lançarmos um olhar rápido sobre sua atuação nos diversos pleitos eleitorais a partir da redemocratização em 1989, antes de concentrarmos nossa atenção na eleição de 2010. Além disso, importante notarmos o seu discurso sobre o MST, o maior movimento social do país e as alternativas ideológicas à esquerda.

O período entre 1989 e 2002 foi bem analisado pela professora Carla Silva, que assim comenta a atuação de Veja:

A hipótese é que a revista teve papel não apenas de noticiar, mas também de construir ativamente as candidaturas que lhe interessavam (...) teve uma preocupação central em impossibilitar daqueles que se opunham ao seu programa político (2010: 203).

Embora a Revista sempre tenha afirmado não apoiar nenhum dos candidatos nas eleições presidenciais, a análise mais pormenorizada de suas matérias, fotos, capas e editoriais mostra o contrário. Na eleição de 1989, o objetivo era impedir a vitória dos esquerdistas Leonel Brizola e/ou Lula. Dois anos antes do pleito, Veja já buscava construir a imagem de Fernando Collor como caçador de Marajás, associado à juventude e como o mais preparado para consolidar a democracia e abrir a economia ao capital externo, ao mesmo tempo em que Lula e Brizola eram retratados como ignorantes e atrasados (SILVA, 2010: 202-205).

Depois do conturbado processo de impedimento do presidente Collor, o governo tampão de Itamar Franco e a criação do Plano Real, a eleição de 1994 era uma incógnita. Nas pesquisas iniciais, Lula aparecia com ampla vantagem nas intenções de voto, principalmente pelo capital eleitoral e oposicionista construído na eleição anterior, logo, era preciso que a direita, o empresariado, os fazendeiros e conservadores encontrassem um nome de consenso para disputar e vencer aquela eleição, e claro, consolidar o modelo neoliberal que foi timidamente iniciado nos governos anteriores.

A Revista excluiu as possibilidades de Paulo Maluf ou Orestes Quécia e passou a “organizar as forças em torno de um nome capaz de combater a candidatura de Luis Inácio Lula da Silva” (SILVA, 2010: 215). Segundo estudo da professora Carla Silva, Veja flertou com os nomes de Jaime Lerner e Adib Jatene, até Fernando Henrique Cardoso (FHC) despontar como o candidato ideal.

Durante o primeiro mandato de FHC, a Revista explicitou apoio ao seu governo. Logo, quando da reeleição em 1998, Veja defendeu a proposta de emenda à Constituição que deu a Fernando Henrique o direito de concorrer novamente à presidência. Enquanto Lula novamente era retratado como desqualificado para o cargo, o então presidente, como não haveria alternativas, segundo a Revista, estaria confortavelmente à espera da reeleição, uma vez que para Veja seu governo neoliberal estaria no rumo certo e deveria continuar.

No entender de Veja, as políticas neoliberais implantadas pelo governo FHC, a coligação entre o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e o Partido da Frente Liberal (PFL), e demais partidos menos ideológicos e mais pragmáticos, estava no rumo certo e deveria a todo custo ser mantido. No entanto, a proximidade da eleição de 2002 e a impossibilidade jurídica, moral e popular de um terceiro mandato de FHC fez com que os setores conservadores, e Veja, procurassem um novo “anti-Lula” para manter o Brasil no rumo dos seus interesses classistas.

O candidato do Partido dos Trabalhadores (PT) continuou sendo apresentado de forma sarcástica e nem o aprofundamento da crise mundial nos países periféricos que mais haviam implantado políticas neoliberais, fez Veja mudar sua retórica. Uma das emblemáticas capas daquele ano mostrava uma foto do candidato petista e em letras garrafais “porque Lula assusta o mercado”, cujo texto alarmante aponta para a possibilidade de aprofundamento da crise econômica, caso Lula seja eleito (SILVA, 2010: 242-244).

Segundo pesquisa de Carla Silva, no mundo de Veja, o Brasil ia bem, em time que estaria ganhando não se mexe, não haveria alternativas e qualquer discordância ideológica, econômica ou eleitoral seria uma irresponsável brincadeira (SILVA, 2010: 245). Assim, a Revista “adotaria uma dupla estratégia: fazer a campanha ostensiva do candidato José Serra e bloquear previamente eventuais iniciativas oposicionistas de Lula. (...) produzir um anti-Lula nem que este fosse o próprio Lula” (SILVA, 2010: 245). Quando o próprio

petista mostrou-se menos radical do que em tempos anteriores, o foco de Veja foi tentar associar o seu partido à radicalidade de alguns integrantes do PT ou então alarmar possíveis conchavos comunistas na América Latina, com Cuba e a Venezuela.

Outras pesquisas interessantes também já lançaram olhares sobre o discurso de Veja em relação ao MST, o maior movimento social do país. Pesquisa de Eduardo de Souza apontou para várias fases do discurso da Revista sobre o movimento: no começo, um deliberado silêncio; diante do crescimento em tamanho e das atrocidades contra os sem-terras, tentou-se cooptar o movimento para dentro da ideologia neoliberal.

O MST continuou rejeitando as políticas do governo FHC em relação à reforma agrária e também passou a fazer críticas sociais e macroeconômicas, a Revista passou a tentar dividir internamente o movimento e só então uma satanização pública de suas lideranças, causa e forma de atuação (SOUZA, 2004).

Uma vez que esta pesquisa termina no fim do governo FHC, publicamos um artigo que analisou o discurso de Veja em relação ao Movimento Sem-Terra no primeiro mandato do Presidente Lula/PT, já que o Partido dos Trabalhadores havia construído sua trajetória política em apoio e com o apoio do movimento. Nossa conclusão foi de que a satanização do MST continuou ainda mais forte nas páginas de Veja, inclusive tentando colar a imagem do presidente à do satânico movimento (GUILHERME, 2008).

A eleição de 2010:

A eleição presidencial de 2010 se apresentou para os setores conservadores e neoliberais brasileiros, como a grande chance de reaver o poder perdido em 2002⁴. O popular presidente Lula não poderia mais concorrer e o Partido dos Trabalhadores não possuía um nome forte, seja no quesito eleitoral seja em popularidade. A grande dúvida que pairava era se Lula conseguiria transferir seu capital político/votos e fazer o sucessor.

⁴ Não podemos deixar de argumentar que, em vários momentos, o Governo Lula/PT também executou políticas econômicas e sociais que podem ser rotuladas como neoliberais. No entanto, se comparado ao governo anterior de FHC/PSDB, acreditamos que Lula tenha sido mais social-democrata e, em vários momentos, desagradou a maior parte da direita.

Diante deste quadro de apreensão e dúvida, Veja logo apresenta a alternativa mais viável eleitoralmente e com as características que a Revista entende como as ideais para o Brasil. Em 21 de abril daquele ano de 2010, Veja abre sua cobertura sobre a corrida eleitoral com um sorridente e angelical José Serra na capa e a seguinte chamada: “Serra e o Brasil pós-Lula”.

Fica evidente que a Revista não quer discutir as diversas alternativas para o Brasil a partir do próximo governo, mas apresentar ao leitor/eleitor a alternativa que julga a melhor: para Veja, José Serra deve governar o Brasil após os oito anos de Lula/PT. Mais que isso, na capa ainda se lê uma frase da longa entrevista que o tucano dá à revista: “Eu me preparei a vida inteira para ser presidente”.

No interior da Revista, além da longa e pelega entrevista com o pré-candidato José Serra, há uma matéria expondo os problemas que o país enfrenta e as possíveis soluções que o candidato deveria tomar para resolvê-los. Interessante que Veja apresenta uma narrativa sem confronto, sem debate, apenas mostra Serra e o PSDB como os mais preparados. Para não ser acusada de parcialidade, na mesma edição, há duas páginas dedicadas à também pré-candidata Dilma Rousseff/PT. No texto assinado pela própria Dilma, ela defende o governo Lula e aponta caminhos para o Brasil no futuro.

Continuando o seu discurso ideológico, na edição seguinte, no espaço onde são publicadas as Cartas do Leitor, há nove delas elogiando as matérias e o candidato Serra, e cinco criticando o texto e a candidatura de Dilma. Claro que entre as cartas recebidas por Veja, havia críticas ao Serra e elogios à Dilma, mas houve uma deliberada escolha por publicar somente aqueles que corroboram explicitamente o discurso político vejístico. Fica clara aqui a consideração de Carla Silva, que argumenta acerca do “embate ideológico buscando construir a noção de que ‘não há alternativas’” (SILVA, 2009: 27).

Uma vez aberta a sua temporada eleitoral, Veja passa os próximos meses todos fazendo uma dupla campanha: de um lado, os pontos negativos do governo Lula/PT são exacerbados e transbordam denúncias de corrupção contra os petistas e seus aliados; de outro lado, as propostas de Serra/PSDB são sempre enfatizadas como as melhores e não existe qualquer denúncia ou crítica aos tucanos e seus aliados. Veja entra de cabeça na corrida presidencial e a favor do

candidato José Serra. O mesmo fizeram outros órgãos da grande mídia como, por exemplo, o jornal Folha de São Paulo (ALENCAR, 2012).

Na edição de 12 de maio, a Revista denomina de “surto demagógico” e “populismo eleitoral” o fato de os deputados federais terem aprovado um reajuste nas aposentadorias. Para Veja, a melhoria de um direito social do aposentado brasileiro é motivo para crítica politqueira.

Na mesma edição, a Revista critica a decisão do Governo Federal de recriar a Telebrás com o objetivo de levar internet banda larga mais barato para os lares da população. Segundo o discurso neoliberal e eleitoral de Veja, na matéria “O Retorno da Múmia”, recriar uma estatal já privatizada no governo FHC/PSDB não passa de propaganda eleitoral.

Nas duas próximas edições da Revista, o PT é atacado com denúncias de corrupção. Primeiro, diz claramente que “o PT descobriu que o crime eleitoral compensa e que pode continuar usando impunemente a máquina e Lula na propaganda da candidatura oficial”. Trata-se da velha acusação de uso da máquina pública para beneficiar o candidato governista, mas pelo que podemos observar no livro de Carla Silva e argumentamos acima, Veja não mostrou o mesmo ímpeto contra este uso nas eleições quando o candidato governista foi tucano (SILVA, 2009). No mesmo sentido, a Revista diz claramente que petistas estão recebendo “40 000 reais” para apoiarem a candidatura de Roseana Sarney, no Maranhão, em troca do apoio de José Sarney e do PMDB à candidatura de Dilma/PT e a possível entrada de Michel Temer/PMDB na chapa.

Como parte de sua dupla campanha, na edição de 02 de junho, Veja dá voz às propostas de Serra. Na matéria “José Serra vai direito ao ponto”, o candidato tucano acusa a Bolívia e seu presidente de incentivarem a produção de cocaína e sua exportação para o Brasil. Nas palavras de Veja: “Ele está certo (...) A verdade doeu na diplomacia lulista”. Aqui podemos observar as duas faces do jogo vejístico. Ao mesmo tempo em que elogia Serra, a Revista dá uma cutucada no governo do PT e o associa ao narcotráfico internacional.

Apenas em junho, na edição do dia 16, que Veja volta a dar capa para a disputa eleitoral com a chamada “Para sair do empate”, a Revista discute as pesquisas eleitorais e apresenta o que no seu entender são os mitos e verdades sobre o que fazer para vencer o pleito. Na mesma edição, a Revista inicia uma

série de entrevistas em suas páginas amarelas com os três principais candidatos à presidência.

Primeiro Dilma, depois Serra e por fim, Marina falam à Veja. Este ciclo termina no final daquele mês, com um editorial comemorativo de “Já ganhamos a eleição”, a Revista tenta argumentar pela imparcialidade jornalística.

Em sua primeira edição dentro do período eleitoral, dia 07 de julho, Veja abre o ataque escancarado ao PT, Lula e a candidata Dilma. Com a desculpa de debater o uso da máquina pública em campanha, a Revista critica a decisão do então presidente Lula, de fazer “campanha para Dilma Rousseff depois das 18 horas e nos fins de semana”. O que nos intriga é a questão: será que Veja teve o mesmo ímpeto quando FHC/PSDB utilizou da máquina pública a favor de seus candidatos? A resposta é não (SILVA, 2009).

O ódio à esquerda aparece estampado na capa seguinte, de 14 de julho. Com a estrela petista ao fundo e a imagem mitológica de Hidra⁵, Veja destila seu alarmismo costumeiro com a chamada: “O monstro do radicalismo. A fera petista que Lula domou agora desafia a candidata Dilma”. Na matéria, a Revista analisa o programa de governo petista e critica os pontos que a própria Veja classifica como “controle da imprensa”, “revisão da Lei da Anistia”, “salvo-conduto para o MST”, “imposto-riqueza” e “legalização do aborto”. Na matéria seguinte, a crítica fica por conta da política externa do Governo Lula, que Veja classifica como de “apoio a ditadores”.

Ao final desta mesma edição, há a interessante matéria: “Um comunista de bom-senso”. Logo no título, a provocação de que a maioria dos comunistas não tem bom senso em suas ideias e atitudes, mas no discurso vejístico, há pelo menos um que “se salva”. Segue o texto: “Enquanto o programa de governo de Dilma anuncia apoio ao MST, Aldo Rebelo, relator do novo Código Florestal, mostra racionalidade nas questões de ocupação do solo”. Descobrimos quem é o político e o motivo de Veja rotulá-lo como um comunista de “bom senso”⁶: Claro que Veja, uma vez que repudia tudo que esteja à sua esquerda, principalmente o

⁵ Ou Cila, ou Ládon. Figura da mitologia grega, derrotada por Hércules. Tinha corpo de dragão e nove cabeças de serpentes, que lançavam veneno e uma vez cortadas, podiam se regenerar.

⁶ Aldo Rebelo, membro do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), base governista de Lula e que apoiava a candidatura Dilma, foi o relator do projeto do novo Código Florestal, fez o jogo neoliberal do Agronegócio.

MST (GUILHERME, 2008) e enfatiza o modelo neoliberal como ideal, aproveitou mais este fato para fazer seu discurso ideológico e criticar o PT e sua candidata.

Veja volta ao tema do uso da máquina pública em 21 de julho. Na matéria “Meu reino (e as leis) por minha sucessora”, a imagem/montagem que ocupa mais da metade do espaço de duas páginas e conta com um Lula sorridente e usando coroa de Rei é mais importante que o curto texto que a acompanha. O visual fala mais alto e o leitor entende facilmente o recado: Lula ignora a Lei Eleitoral e “lega ao país uma ‘ética da contravenção’”.

Dentro de sua campanha eleitoral a favor do tucano José Serra, duas marcas aparecem muito fortes nas edições de Veja: temas e notícias requentadas e várias denúncias de corrupção ou criação de dossiês. Todas têm o PT, o governo Lula ou seus aliados como acusados e o PSDB como vítima e paladino da busca pela justiça, direito e ética. A recíproca nunca é verdadeira. Há um deliberado silêncio em Veja quando o assunto possa manchar a imagem do candidato tucano. O mesmo ocorria na Folha de São Paulo (ALENCAR, 2012)

Requentar notícias é o ato de pegar uma notícia velha e a trazer novamente à tona. Geralmente isso acontece no jornalismo, quando falta assunto novo ou então quando a necessidade de manchar a imagem de alguém é premente. No caso de Veja, são ambos os motivos que a levaram na edição de 28 de julho a repercutir a seguinte frase de Índio da Costa (DEM), candidato a vice na chapa de José Serra (PSDB): “Todo mundo sabe que o PT é ligado às Farc⁷, ligado ao narcotráfico, ligado ao que há de pior”. Segundo a Revista, “Índio acertou o alvo”. O jornalismo vejístico funciona assim: uma frase eleitoreira, sem qualquer prova ou indício de prova, merece repercussão, desde que seja para atacar ainda mais a imagem dos petistas e rotulá-los como “narcoterroristas”. Um Box dentro da matéria aproveita o tema para ligar as Farc a Hugo Chávez, presidente da Venezuela e igualmente odiado por Veja.

Ao virar a página desta mesma edição, Veja apresenta o perfil de Índio da Costa, vice de José Serra. Com uma bela e grande foto, a Revista apresenta toda a juventude de Índio, seu berço de ouro e a coleção de mais de dez mil CDs. O

⁷ Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia.

que mais importa mesmo para Veja é que o candidato a vice “toca a buzina nos ouvidos do PT”.

Na matéria “A eleição dos 135 milhões”, publicada na edição de 28 de julho, podemos perceber claramente o que a Revista Veja pensa a respeito do eleitorado brasileiro. A chamada do texto satiriza uma repetida frase do Presidente Lula: “Nunca antes na história deste país tantos brasileiros puderam votar. É mais um atestado de força da democracia brasileira. Seria ainda melhor se mais eleitores tivessem ido à escola”. Para Veja, de modo geral o eleitor brasileiro é desprovido de inteligência não pelo fato de pouco ter frequentado os bancos escolares⁸, mas por não ler a Revista e não compartilhar de sua visão de mundo. À época da matéria, as pesquisas eleitorais apontavam empate entre Dilma e Serra.

Veja olha com desdém para a parte do eleitorado que não tem o modelo neoliberal como norte na hora de escolher o seu candidato. A Revista tem como leitores a classe média/alta deste país, que assina ou pode comprá-la semanalmente nas bancas, os quais provavelmente compartilham do antipetismo e de sua ideologia mesmo sem saber o que seja o neoliberalismo. A matéria em questão soa como um alerta aos leitores de Veja, para que fiquem atentos à parcela da população que viu em Lula um bom presidente e que provavelmente verão Dilma como a candidata ideal. O discurso vejístico é tipicamente de elite, direita, conservador e preconceituoso para com aqueles que pensam diferente dela.

O primeiro turno da eleição presidencial de 2010 estava marcado para o dia 03 de outubro. Conforme a data se aproxima, Veja acirra e radicaliza o seu discurso antipetista. Com exceção da edição do dia 1º de setembro, todas as demais têm o PT na capa, mas sempre de forma pejorativa, repercutindo denúncias e suspeitas requeitadas. O PT sempre usou para si o status de partido do povo, mas durante o mês, Veja apelidou o mesmo e o governo Lula como “polvo”, ou seja, um animal cujos tentáculos estariam por todos os cantos, aparelhando o Estado com seus filiados, corrompendo a política e usando das funções públicas para beneficiar o partido.

⁸ Muito embora os índices de analfabetismo tenham diminuído consideravelmente nos últimos vinte anos, ao mesmo tempo em que mais brasileiros cursam o Ensino Superior.

Na edição de 08 de setembro, a capa de *Veja* mostra o polvo envolvendo seus tentáculos no símbolo da república. Na chamada de capa, *Veja* afirma que o PT quebrou o sigilo fiscal da filha do candidato José Serra e que tal fato “é sintoma do avanço tentacular de interesses partidários e ideológicos sobre o estado brasileiro”. No interior da Revista, oito páginas de acusações ao partido, que teria “desprezo pelas instituições”, inclusive ligando o nome do jornalista Amaury Ribeiro, que estaria prestando serviços ao PT, mas que posteriormente publica seu polêmico livro sobre as privatizações tucanas e o envolvimento de Verônica Serra, seu marido e outros figurões do PSDB com esquemas de lavagem de dinheiro no exterior (RIBEIRO JR, 2011). A matéria seguinte acusava o governo Lula de promover uma “ocupação implacável da máquina pública”, embora reconheça que é comum a todos os governos favorecer partidários com nomeações, *Veja* acusa o PT de fazer desta prática, “um grande negócio”.

A capa da edição seguinte, em 15 de setembro, repete a anterior. Agora, a montagem mostra o polvo envolvendo seus tentáculos em maços de 100 reais e em letras garrafais a chamada “Exclusivo: o polvo no poder”. Desta vez, *Veja* dá voz a um empresário, que diz ter conseguido contratos milionários com o Governo Federal, graças à intervenção do filho da Ministra da Casa Civil, Erenice Guerra. Detalhe para o fato de Erenice Guerra ter sido braço direito de Dilma Rousseff quando esta era Ministra. Apesar das fortes acusações, *Veja* não se preocupa em comprová-las ou discutir o contraditório, mas tão somente dá voz ao acusador naquele delicado momento eleitoral⁹. Em seguida, *Veja* continua a tratar o caso da suposta quebra de sigilo de Verônica Serra. Para a Revista, a Corregedoria da Receita Federal está cheia de ratos, que trabalham para “ocultar as provas dos crimes”.

Interessante notar nestas e também nas demais edições, como a Revista *Veja* não se preocupa em fazer jornalismo, mas discurso partidário. São raras as vezes que os acusados falam e quando o fazem, suas falas são distorcidas e fragmentadas; as acusações são sempre feitas com palavras e frases fortes,

⁹ Em julho de 2012, o Inquérito que apurava esta denúncia foi arquivado pela Justiça Federal por falta de provas. Erenice Guerra então pôde ser considerada inocente das acusações feitas pela Revista *Veja* ao longo da campanha eleitoral. Mais informações na blogosfera: <http://www.viomundo.com.br/denuncias/altamiro-borges-mais-um-assassinato-de-reputacao-impune.html>

sensacionalistas; tais acusações vêm recheadas de fotocópias de documentos que ao leitor comum parecem provar o que a matéria diz, mas que juridicamente não passam de indícios; os acusadores são sempre políticos ou empresários ligados à oposição; o maniqueísmo reina onde o PSDB e seus aliados são os bonzinhos e o PT e seus aliados, os malzinhos e nunca o contrário, ou mesmo algo próximo disso.

Em 22 de setembro, a metáfora do polvo é repetida na capa de Veja. Desta vez, a montagem mostra os tentáculos saírem do espelho de água do Palácio do Planalto, sede do Governo Federal, e agarrarem seus pilares. A chamada em letras garrafais é “a alegria do polvo” e a frase “caraca! Que dinheiro é esse?”, que segundo a Revista, fora dito por um ex-funcionário da Casa Civil, ao encontrar pacotes de dinheiro em uma gaveta. Na matéria contida no interior da Revista, ficamos sabendo que tal frase teria sido confidenciada pelo ex-funcionário a duas pessoas próximas dele e que repassaram a informação à Veja. Assim é o jornalismo investigativo de Veja: conversas confidenciais que se sabe lá como chegam aos jornalistas da Revista e ganham destaque de capa, como se fossem a bombástica verdade sobre o fato. Mais uma vez, a matéria não abre espaço ao contraditório, a reflexão crítica. Tudo está perfeitamente mastigado e pronto para ser ingerido pelo leitor/eleitor.

Na mesma edição, o tema do mensalão e da quebra de sigilo fiscal da filha do candidato José Serra são requentados, agora acusando o governo e o PT de usar as instituições estatais para minimizar os fatos e abafá-los. Além disso, há uma constante tentativa de enfatizar ligações de todos estes escândalos a pessoa do presidente Lula e da candidata Dilma.

Apesar de todo este discurso político partidário de Veja contra o PT, Lula, Dilma e seus governos, a edição de 29 de setembro é ainda mais significativa neste sentido. A capa traz o artigo 220 da Constituição Federal e seus dois primeiros incisos, que tratam da comunicação social, liberdade de imprensa e veda qualquer tipo de censura, sendo acertados por uma estrela vermelha, símbolo do PT, e a chamada em letras garrafais: “A liberdade sob ataque: a revelação de evidências irrefutáveis de corrupção no Palácio do Planalto renova no presidente Lula e no seu partido o ódio a imprensa livre”.

Para perceber como Veja manipula a informação, o mesmo capítulo V da Constituição Federal tenta regulamentar, mesmo que de forma tímida, a

imprensa brasileira, no entanto, a Revista publicou em sua capa apenas a parte jurídica que dá os direitos à imprensa, silenciando sobre seus deveres. Além disso, Veja acusa o presidente Lula e o PT de não serem democráticos, de tentarem censurar a imprensa brasileira. Tal acusação é grave, principalmente dentro de um estado democrático de direito duramente conquistado após anos de Ditadura Civil-Militar, em que inclusive a Editora Abril, que publica a Veja, fez questão de legitimar.

Outrossim, a Revista denomina as denúncias que vinha publicando em suas edições anteriores de “evidências irrefutáveis”. Ora, evidência é bem diferente de prova. Provas são irrefutáveis, evidências são perfeitamente explicáveis e refutáveis. Assim se vê o jogo político partidário que Veja participa. Há uma deliberada intenção de convencer o seu leitor/eleitor de que o PT, Lula e Dilma são o mal que assola o Brasil e precisam ser extirpados do governo.

Na carta ao leitor/ editorial, a Revista continua seu ataque ao PT. Veja se autointitula como “A semente da resistência” e o texto dá a impressão de que o país atravessa um momento quase que revolucionário, em que o petismo continua “ruminando a idéia totalitária do leninismo” através de um vasto “contingente de mercenários recrutados a preço de ouro nos porões da internet e pagos com o suado dinheiro dos brasileiros que trabalham e recolhem impostos”. Tal frase merece reflexão. Veja acusa o PT de pagar blogueiros com dinheiro público, mas como sempre, apenas acusa e não prova. Além disso, parece que Veja entra em contradição, ou seja, a Revista ao acusar o PT e o governo está fazendo jornalismo livre, enquanto os blogueiros que defendem o PT e o governo, seja por remuneração, ideologia, simpatia ou independência, são comparados a mercenários.

Na realidade, Veja defende apenas a sua liberdade de expressão e possui um conceito restrito sobre o que é fazer jornalismo. As novas linguagens midiáticas e gratuitas, como os blogs, constituem uma ameaça à forma oligarquizada de mídia, que a Revista Veja representa (GIDDENS, 2005: 367). A campanha midiática contra o PT era tão clara, que o então Presidente Lula chegou a dizer que:

Nós não vamos derrotar apenas nossos adversários tucanos. Nós vamos derrotar alguns jornais e revistas que se comportam como se fossem

partido político e não têm coragem de dizer que são partido político, que têm candidato e não têm coragem de dizer que têm candidato. (ALENCAR, 2012: 229)

Depois de todo este bombardeio contra o PT e sua candidata Dilma Rousseff, chega o dia da eleição para o primeiro turno. A edição de 06 de outubro daquele ano tem uma capa muito sugestiva¹⁰. Toda em branco, vazia, traz a seguinte chamada “As grandes propostas para o Brasil feitas na campanha presidencial:”. Para Veja, os candidatos à presidência não debateram nenhuma proposta para o país ao longo dos três meses de campanha. Ora, onde estava o senso crítico de Veja que só se lembrou de que a campanha eleitoral serve para apresentar propostas e projetos, apenas um dia antes da eleição? Simples, a Revista estava tentando, desesperadamente, convencer o leitor/eleitor a não votar em Dilma/PT, muito menos em ouvir as suas propostas. Infelizmente para o Brasil e para o eleitor, a Revista não fez isso discutindo propostas, mas apresentando denúncias de supostos esquemas de corrupção petistas. Se os candidatos à presidência não debateram os problemas da nação nem apresentaram propostas, a Revista Veja também não fez jornalismo construtivo de debates acerca dos problemas do Brasil e possíveis soluções. Pelo contrário, ao longo destes três meses, Veja se limitou a atacar a candidatura de Dilma/PT, no afã desesperado de fazê-la cair nas pesquisas de opinião pública. A mesma conclusão chegou o livro de Jakson de Alencar sobre a cobertura do jornal Folha de São Paulo (2012: 244)

No interior da Revista, Veja critica o último debate, requeixa as acusações de corrupção contra o PT e depois trata dos temas que ela julga serem fundamentais para o Brasil. Há um perfil dos três candidatos e suas propostas: Dilma é rotulada como “apadrinhada, favorita e cheia de mistérios”; Serra como o único candidato com chances de chegar no segundo turno e realizar o “projeto que se dedica desde que era estudante: ser presidente do Brasil”; Marina Silva, por sua vez é a “verde com coração vermelho”, lembrando seu passado petista. Ou seja, no jargão popular podemos dizer que para Veja, há duas opções que são

¹⁰ Embora as edições da Revista Veja sejam datadas sempre as quartas-feiras, as mesmas costumam chegar às bancas já no sábado. Assim, a edição de 06/10 chegou às bancas e às casas de alguns assinantes no dia 02/10, um dia antes do primeiro turno da eleição presidencial.

“farinha do mesmo saco petista” e outra opção, mais preparada desde a juventude, que é José Serra.

No interior desta mesma edição, Veja analisa o programa de governo dos três candidatos e emite conceitos como “bom, regular ou ruim” para dez itens. Dilma recebeu apenas dois conceitos bons e cinco ruins, enquanto Serra recebeu cinco conceitos bons contra apenas um ruim. Na matéria seguinte, a pérola sobre o que faltou discutir na eleição: “que o erro de FHC foi justamente trabalhar para o brasileiro esquecido – fazendo o bem geral ao custo de desagradar aos interesses organizados (...) não é preciso retórica para defender FHC. Os números bastam”.

Ao final do primeiro turno, Veja atingiu seu primeiro objetivo: levou a eleição presidencial para o segundo turno. À época, as pesquisas de opinião apontavam para uma possível vitória governista já no primeiro turno, o que não se concretizou. Dilma/PT obteve 46,91%, Serra/PSDB ficou com 32,61% e Marina/PV com surpreendentes 19,33%. Agora, mais três semanas de campanha eleitoral no rádio, televisão, ruas, palanques e na Revista Veja.

Logo de cara, Veja abre o segundo turno colocando em pauta um assunto delicado: o aborto. A capa de 13 de outubro é das mais polêmicas da história do jornalismo político brasileiro. Veja, na sua tentativa de denegrir a imagem da candidata Dilma Rousseff e fazê-la cair nas pesquisas, sai às bancas com uma capa dupla, ou seja, mostra uma frase de Dilma a favor do aborto, feita em 2007 e outra contra, feita durante a campanha eleitoral.

Na matéria do interior da Revista, Veja afirma que o PT sempre foi a favor da legalização do aborto e pergunta: “quais são, afinal, as suas reais convicções?” Como se pode ver, Veja continua não se preocupando em discutir os problemas econômicos, sociais ou políticos que o Brasil precisa enfrentar nos próximos anos, muito menos quais seriam as propostas dos candidatos em relação ao aborto. Sua atuação é partidária, vai claramente contra uma candidatura, só fala da campanha eleitoral para criticar o PT, jamais o candidato Serra é confrontado. Aliás, José Serra pouco aparece nas páginas da Revista. Os personagens principais são sempre Lula, o PT e Dilma, porém, retratados como os vilões de uma trama contra o povo brasileiro. A atuação partidária de Veja pró-Serra/PSDB era tão escandalosa naquela eleição que a Revista Isto É, semanário concorrente, até publicou uma capa/reportagem na semana seguinte

com Serra em uma capa dupla e duas frases contraditórias sobre acusações de corrupção em governos tucanos, que Veja sequer mencionava¹¹

Como se não bastasse a parcialidade exercida até o momento, na edição seguinte, de 20 de outubro, Veja escancara sua opção político-partidária pelo PSDB. O editorial comemora o segundo turno, o que seria um dos fatos “mais extraordinários já produzidos pela jovem democracia brasileira”. Segundo Veja, independente de quem seja o eleito:

Os brasileiros já ganharam com a saída de cena do messianismo do presidente Luis Inácio Lula da Silva, uma ilusão coletiva que ameaçava transformar a atividade política no Brasil em um exercício vão de culto a personalidade.

O discurso ufanista afirma que “ao não elegerem a candidata petista em primeiro turno, 54 milhões de eleitores disseram que ninguém é dono do Brasil”. Logo, as semanas de segundo turno deveriam servir para sepultar de vez o petismo e sacramentar a volta do modelo neoliberal ao governo federal.

A capa desta edição de Veja é quase um pedido de voto explícito no PSDB. Um sorridente Aécio Neves, ex-governador de Minas Gerais e eleito senador, fazendo aquele gesto de Clark Kent ao se transformar em Super Homem, com as mãos no peito, mostrando sua roupa de baixo, um botão verde com a palavra “confirma”, idêntico ao das urnas eletrônicas. Sob o título de “O poder de Aécio”, Veja traz o seguinte trecho de capa: “político das viradas eleitorais impossíveis, o neto de Tancredo Neves pode ser um fator decisivo na campanha presidencial”. Como se pode observar, a Revista tenta reviver a memória de Tancredo Neves, presidente eleito de forma indireta pelo Congresso e que seria o primeiro presidente civil pós-Militar, falecido antes da posse, mas que entrou para o imaginário popular como um exemplo de democrata. Além disso, Veja admite que a eleição de Serra/PSDB é quase impossível e para torná-la possível, fará a parte que lhe cabe: discurso político-ideológico-partidário em mais uma de suas edições.

No interior da Revista, a matéria de capa contém oito páginas mostrando os grandes figurões tucanos e a nova geração de políticos do partido. Todas as

¹¹ A comparação pode ser encontrada facilmente na blogosfera como, por exemplo: <http://www.apocaodepanoramix.com/?p=1932>

fotos que ilustram a matéria têm ângulos favoráveis, pessoas comemorando conquistas e sempre sorridentes, ao contrário de todas as matérias sobre o PT, Lula e Dilma que sempre aparecem com feições carrancudas ou preocupadas, nas fotos. O texto é otimista na possibilidade de vitória já naquele pleito eleitoral, no entanto, seu grande mote é a esperança depositada em Aécio Neves e outros novos políticos tucanos, para os próximos anos.

A última cartada de Veja contra a candidatura petista naquela eleição foi dada na edição de 27 de outubro. Na capa, Veja promete contar a verdade sobre os dossiês e publica uma frase que teria sido dita pelo então secretário nacional de Justiça ao seu antecessor: “Não agüento mais receber pedidos da Dilma e do Gilberto Carvalho para fazer dossiês”. Como Veja teve acesso a esta frase e se ela realmente foi dita, dificilmente saberemos.

Na matéria “intrigas de estado”, Veja se vangloria de fazer bom jornalismo e assume que a reportagem não foge à regra de provocar ansiedade no meio político e chega ao cúmulo de reproduzir a frase de um jornalista da Agência Reuters, “se será esta a edição de VEJA que vai abalar a liderança de Dilma Rousseff nas pesquisas eleitorais”. No texto, Veja acusa o PT de dar favas à ética e utilizar o Ministério da Justiça para produzir dossiês contra seus adversários. No entanto, a mesma Revista não revela como teve acesso às escutas telefônicas que ilustram a matéria e dá pouca repercussão à negativa de Pedro Abramovay sobre os supostos dossiês. Mais uma vez, Veja requeixa o argumento de que o jornalista Amaury Ribeiro Jr faria parte de um núcleo de inteligência a serviço da candidatura Dilma, que estaria violando o sigilo fiscal de José Serra/PSDB, com fins meramente eleitorais (RIBEIRO JR, 2011)

Perfeitamente ilustrativo da opção partidária de Veja, é a matéria “Pau na democracia” que aborda um dos fatos mais inusitados daquela campanha eleitoral: a bolinha de papel que atingiu o candidato José Serra/PSDB em uma de suas caminhadas de campanha. Para Veja, os militantes petistas são ensandecidos, Lula é destemperado e José Serra sofreu uma agressão física ao ser atingido por uma bolinha de papel, um rolo de fita adesiva ou ambos, que o teriam deixado grogue a ponto de ter que ir a um hospital. Veja aproveita o fato para dizer que o PT não conhece os limites democráticos, mas em nenhum momento analisa se a cúpula tucana teria supervalorizado o fato com vistas a obter maior polêmica e dividendos eleitorais.

Para fechar sua “cobertura” das eleições presidenciais de 2010, a edição de 03 de novembro, mas que chegou às bancas no sábado antes da votação do segundo turno, mostra o desrespeito que Veja sempre dispensou para o então Presidente da República. A capa traz uma caricatura que tripudia das características físicas do presidente Lula, que aparece sem camisa, de chinelo, água de coco na mão e a faixa de presidente tatuada em seu peito. A chamada é “Ele sairá da presidência, mas a presidência não sairá dele?”

A matéria contida no interior da Revista tenta discutir o futuro do “lulismo”, ou seja, qual seria a atuação política de Lula após deixar o posto de Presidente da República. Como parâmetro, Veja coloca a figura do ex-presidente FHC, que seria “um ex de bem com a vida”, após ter derrotado a inflação e promovido as “privatizações bem-sucedidas”. Para a Revista, Fernando Henrique é um exemplo de ex-presidente, uma vez que atua pouco politicamente e teria se tornado baluarte na defesa da democracia. O que Veja não diz é que FHC pouco atua politicamente porque seu governo terminou com forte rejeição popular e a Revista teme o fato de Lula sair do governo com grandes índices de aprovação, o que poderia ser determinante politicamente em outras eleições a favor do PT. Em outra matéria, Veja chama Lula de “o grande imitador” de Fidel Castro, o qual segundo a Revista seria o “sucessor do ditador Fulgencio Batista em Cuba”, o que mostra o total desconhecimento da história cubana ou então uma deliberada opção ideológica em mentir para o seu leitor.

Considerações Finais:

Fato é que, apesar de toda campanha feita ao longo daquela eleição, Veja não conseguiu demover a maioria da população brasileira do intento de votar em Dilma/PT, que venceu o segundo turno com 56% dos votos válidos contra 44% para Serra/PSDB. Apesar disso, o que Veja parece ter conseguido muito bem e mereceria ser melhor avaliado pelos sociólogos é a consolidação de um forte sentimento antipetista em uma grande parcela da população.

Na edição seguinte ao resultado, a Carta ao Leitor/Editorial da Revista tem o sugestivo título de “Hora de unir o Brasil”. Na avaliação de Veja, o Brasil que elegeu Dilma Rousseff “mostrou satisfação com a política econômica que resultou no aumento da renda, do número de empregos formais, do volume de

crédito ao consumidor e na diminuição da pobreza”. No entanto, o texto comemora em tom de preconceito que os eleitores de Serra, na maioria composta de gente instruída:

votou contra uma série de aspectos perniciosos do governo do PT. A saber: os contínuos desmandos no terreno da ética, a manutenção de uma carga tributária onerosa e nada condizente com a qualidade dos serviços públicos, o aparelhamento partidário da máquina estatal em detrimento do mérito, o apoio do Brasil a ditaduras, o financiamento, com dinheiro do contribuinte, de organizações ideológicas, como o MST, que ameaçam a propriedade privada e a produção agrícola.

Veja fecha sua “cobertura” eleitoral da mesma forma que começou: fazendo discurso político-ideológico e partidário contra o PT e a favor do PSDB. Na citação acima, fica clara qual será o norte da cobertura vejística do governo Dilma: a tentativa de colar a pecha de corrupta; o embate ideológico a favor do “Estado Mínimo” e a crítica às alternativas à esquerda no Brasil e no Mundo. Por mais que o candidato preferido por Veja não tenha vencido as eleições, a Revista sabe que a sua luta antipetista continua.

Por fim, devemos argumentar que, em um estado democrático de direito é compreensível que cada pessoa, grupo ou empresa tenha as suas preferências político-ideológicas e que as defenda. Não é problema algum Veja ser neoliberal e Tucana. O problema está em não admitir a sua preferência ideológica e partidária e dizer-se imparcial, quando na verdade não o é. O tema debatido neste artigo é por demais extenso e não pôde ser esgotado. Muito discurso ainda há por ser desmascarado em análises historiográficas nas páginas de Veja.

Bibliografia.

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

ALENCAR, Jakson Ferreira de. **A Ditadura Continuada: fatos, factóides e partidarismo da imprensa na eleição de Dilma Rousseff**. São Paulo: Paulus, 2012.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GUILHERME, Cássio Augusto S. A. **O Gramsci político e revolucionário**. Revista Urutagua, nº 19, 2009. Disponível no link: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/view/6680/4624>

GUILHERME, Cássio Augusto S. A. **O indispensável livro sobre a Veja**. Revista Espaço Acadêmico, v. 10, número 116, 2011. Disponível no link: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/11961/648>

GUILHERME, Cássio Augusto S. A. **Revista Veja e o MST durante o governo Lula/PT**. Revista Urutágua, nº 15, 2008. Disponível no link: <http://www.urutagua.uem.br/015/15guilherme.pdf>

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos Periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2011.

RIBEIRO JR, Amaury. **A Privatária Tucana**. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

SILVA, Carla Luciana. **Veja: o indispensável partido neoliberal (1989-2002)**. Cascavel: Edunioeste, 2009.

SOUZA, Eduardo Ferreira de. **Do silêncio à satanização: o discurso de Veja e o MST**. São Paulo: Annablume, 2004.